



COLEÇÃO
HESPÉRIDES
LITERATURA

32

O IMAGINÁRIO DAS VIAGENS

Literatura, Cinema, Banda Desenhada

Maria Cristina Daniel Álvares
Ana Lúcia Amaral Curado
Sérgio Paulo Guimarães de Sousa

ORGANIZAÇÃO

húmus



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

.....

Homo viator. A percepção da condição humana como uma viagem atravessa épocas e paradigmas histórico-culturais, intersetando fenómenos tão díspares como a moral de Séneca, a simbólica cristã do romeiro, a metafísica existencialista de Gabriel Marcel ou a campanha publicitária de uma conhecida marca de whisky: *keep walking*. Respondendo ao apelo do mar, da estrada, do deserto, homens e mulheres estão sempre a caminho, sempre em movimento, trilhando o mundo em busca de outro lugar, o lugar de *outra coisa*, indefinível e enigmática, que se manifesta sob formas variadas como o Graal, a pimenta, os tesouros, as cidades submersas, a lua... São muitos os nomes de viajantes que povoam o nosso património imaginário, ficcional e não ficcional: Gilgamesh, Ulisses, Marco Polo, Fernão Mendes Pinto, D. Quixote, Chateaubriand, Lévi-Strauss, Kerouac, Bruce Chatwin, Tintin, Nicolas Bouvier; mas também a massa anónima de comerciantes, piratas, repórteres, missionários, exilados, povos em diáspora. Os artigos reunidos neste volume debruçam-se sobre as poéticas e as configurações imaginárias da viagem na literatura, no cinema e na banda desenhada, interrogando o modo como estas poéticas e estas configurações decorrem do jogo de múltiplos fatores, entre os quais se contam géneros literários, correntes estéticas, formas narrativas, regimes do imaginário, ideologias, materialidades semióticas e tecnológicas, dispositivos institucionais e campos culturais. Por outras palavras, que função ou que incidência tem o tema da viagem e suas representações na (re)criação de formas e géneros literários como a epopeia antiga, o romance (arturiano, de aventuras, contemporâneo), o *travel writing* do século XIX, o *road movie* ou os diários de viagem em banda desenhada, entre outros.

.....

9 789897 155018



ISBN 978-989-755-018-8



O IMAGINÁRIO DAS VIAGENS

Literatura, Cinema, Banda Desenhada

Organização: Maria Cristina Daniel Álvares
Ana Lúcia Amaral Curado
Sérgio Paulo Guimarães de Sousa

Direção gráfica: António Pedro
Edição do Centro de Estudos Humanísticos
da Universidade do Minho

© EDIÇÕES HÚMUS, 2013
End. Postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão
1.ª edição: Dezembro de 2013
Depósito legal: 365811/13

ISBN 978-989-755-018-8

ÍNDICE

11 Nota introdutória

TEORIA E HISTÓRIA DA VIAGEM

THÉORIE ET HISTOIRE DU VOYAGE

17 *Perpetuum Mobile:*

algumas considerações sobre narrativas de viagem

Mário Matos

35 Viagens quase esquecidas

Paulo Motta Oliveira

PARA UMA CARTOGRAFIA DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

EM PORTUGUÊS

VERS UNE CARTOGRAPHIE DE LA LITTÉRATURE CONTEMPORAINE
EN PORTUGAIS

49 Todos os lugares são no estrangeiro. Contributos para uma lei da metamorfose em Herberto Helder

João Amadeu Oliveira Carvalho da Silva

61 Leituras da viagem em *Bastardia* de Hélia Correia

Ana Isabel Moniz

71 Os sentidos da viagem no romance

O Outro Pé da Sereia de Mia Couto

Ana Luísa Pires

79 Da Grécia para Portugal: *A Cidade de Ulisses* de Teolinda Gersão

Maria do Carmo Cardoso Mendes

93 **Falsificabilidade e Segredo: José Luís Peixoto na Coreia Do Norte**
Luís Mourão

103 **O Segredo. Sobre a viagem de José Luís Peixoto à Coreia do Norte**
Sérgio Guimarães de Sousa

121 **Labirintos e fronteiras do espaço no tempo**
Deriva em torno de *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares
Diana Pimentel

129 ***Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares:**
uma cartografia camoniana ou um itinerário contemporâneo?
Pedro Corga

MIGRAÇÕES, DIÁSPORAS, EXÍLIOS

MIGRATIONS, DIAPORAS, EXILS

145 **Matias da Maia, um jesuíta português na China do século XVI**
Adriano Milho Cordeiro

159 **Lisboa / Lis... Ótima: crónicas da cidade que**
Guilherme de Almeida envia ao Brasil
Maria Isabel Morán Cabanas

175 **Viajar em busca do pão.**
A emigração para o Brasil na literatura polaca
Jacek Plecinski

185 **As rotas de *Desmedida*, de Ruy Duarte de Carvalho**
Ana Ribeiro

193 **The modern dark poem of quest and exile: travel as 'Travail' in**
Childe Harold*, *Childe Roland* and *Childe Rolandine
Paula Alexandra Guimarães

CIRCUITOS LITERÁRIOS, PARALITERÁRIOS E INTER-ARTÍSTICOS
CIRCUITS LITTÉRAIRES, PARALITTÉRAIRES ET INTERARTISTIQUES

209 **Emile Zola, *Homo Viator* à force de la plume**
Arnaud Verret

221 **voyage d'agrément et voyage existentiel dans**
les romans sentimentaux de H. Courths-Mahler.
Régine Atzenhoffer

235 **Da possibilidade da representação da viagem**
nas artes performativas
Daniel Tércio

245 **Várias viagens: desde uma reportagem a uma viagem**
ao seu torrão. Viagens na banda desenhada
Jakub Jankowski

257 **O Oriente em Paris: viagem ao país das almeias na**
Exposição Universal de 1889
Ana Margarida Chora

271 **Art, voyage et imaginaire au XX^e siècle**
Caroline Ziolk

PERCURSOS NA LITERATURA, NO CINEMA E NA BANDA DESENHADA
PARCOURS LITTÉRAIRES, FILMIQUES ET BÉDÉESQUES

287 **(Non)Fictional Tours of PembeRLEY**
Norma dos Santos Ferreira

297 **Le voyage et ses représentations chez Pierre Michon :**
une littérature en mouvement
Maxime Aillaud

307 **Du pays familier à celui où l'on n'arrive jamais :
du surplace dans le rêve**
Maria Eugénia Pereira

321 **Viajar com a paisagem. Itinerários emocionais,
no cinema de João Salaviza**
Helena Pires

333 **Ao sabor do amor: a viagem em
My Blueberry Nights de Wong Kar-Wai**
José Duarte

347 **Comercialização, feminização e disneyzação das viagens
na obra de Chloé Cruchaudet**
Sandra Raquel Silva & Isabel Peixoto Correia

ERRÂNCIAS NO IMAGINÁRIO
ERRANCES DANS L'IMAGINAIRE

359 **As aventuras de Teseu:
a viagem iniciática como via de trans-formação do sujeito**
Alberto Filipe Araújo & José Augusto Ribeiro

371 **A viagem como *topos* narrativo nos *Contos para a Infância*
do poeta português Abílio Manuel Guerra Junqueiro**
Maria Antonietta Rossi

381 **Da viagem em *Onde Vivem os Monstros*, de Maurice Sendak:
configuração, ambivalência e (ir)reconciliação**
Sara Reis Da Silva

393 **A viagem e o maravilhoso: contributos para uma leitura
do universo medieval no *Amadís de Gaula***
Helena Filipa Lourenço

401 ***As Immram* irlandesas:
a influência da narrativa de viagem no imaginário medieval**
Carlos Carneiro

419 **Sei que não sou quem sou e, por isso, tenho de partir. A viagem
contra os limites do eu em *Saga* e *O Conto da Ilha Desconhecida***
Marco André Fernandes da Silva

ITINERÁRIOS URBANOS
ITINÉRAIRES URBAINS

433 **A Lisboa onírica de Alain Tanner e Antonio Tabucchi**
Ana Fernandes

445 **À procura de imagens:
Roma nas "relações portuguesas" de viagem na época barroca**
Sara Augusto

457 **Viagens ao além entre cidades, casas e outros constrangimentos
urbanos: Os Infernos de Dante Alighieri e de Arménio Vieira**
Daniela Di Pasquale

475 **L'image d'Istanbul dans
Parle-leur de batailles, de rois et d'éléphants de Mathias Énard**
Abdullatif Acarlioglu

DESTINO: MAIS ALÉM
DESTINATION: PLUS LOIN

489 **Acerca de uma Viagem ao Passado sobre a hospedagem
de Sólon em Saís segundo o *Timeu* de Platão**
Lethicia Ouro de Oliveira

501 **Reflets de Saba. Voyage, écriture et imagerie intemporelle.
Quelques incursions spatio-temporelles**
Masha Mattioli

- 509 **La représentation du rêve parisien dans
Un Nègre à Paris de Bernard Dadié**
Jennifer Boum Make
- 517 **Viagem na Utopia**
Joaquim Machado & Alberto Filipe Araújo

NOTA INTRODUTÓRIA

HOMO VIATOR. A PERCEÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA COMO UMA VIAGEM ATRAVESSA ÉPOCAS E PARADIGMAS HISTÓRICO-CULTURAIS, intersetando fenômenos tão díspares como a moral de Séneca, a simbólica cristã doromeiro, a metafísica existencialista de Gabriel Marcel ou a campanha publicitária de uma conhecida marca de whisky: *keep walking*. Respondendo ao apelo do mar, da estrada, do deserto, homens e mulheres estão sempre a caminho, sempre em movimento, trilhando o mundo em busca de outro lugar, o lugar de *outra coisa*, indefinível e enigmática, que se manifesta sob formas variadas como o Graal, a pimenta, os tesouros, as cidades submersas, a lua... São muitos os nomes de viajantes que povoam o nosso património imaginário, ficcional e não ficcional: Gilgamesh, Ulisses, Marco Polo, Fernão Mendes Pinto, D. Quixote, Chateaubriand, Lévi-Strauss, Kerouac, Bruce Chatwin, Tintin, Nicolas Bouvier; mas também a massa anónima de comerciantes, piratas, repórteres, missionários, exilados, povos em diáspora.

Da antiguidade clássica chegam-nos histórias de viagens e o desejo dos homens quererem saber sempre mais, procurando guardar memórias do espaço e do tempo. Homero, Anaximandro, Tales, Heródoto, os Trágicos, Apolónio de Rodas, Estrabão, Pausânias, entre muitos

NOTA INTRODUTÓRIA

Maria Cristina Daniel Álvaro
Ana Lúcia Amaral Curran
Sérgio Paulo Guimarães
de Sousa

outros, ajudam a construir uma visão desse mundo que recolheram pelas palavras e pelos pensamentos. Hecateu regista um dos primeiros mapas, passando das ideias às imagens. Da viagem fundadora de Eneias à tentativa de construção de uma Roma republicana por Júlio César com a passagem do Rubicão, a cultura romana preenche o imaginário coletivo com vários relatos que encheram o espírito ocidental. O imaginário romano retém ainda as viagens que os homens sábios empreendiam à pátria grega em prole de um conhecimento mais profundo e cujo saber difundiam no círculo de homens cultos.

Muitas são as modalidades da viagem – peregrinações, errâncias, expansões territoriais, descobertas marítimas, diásporas, exílios, longas marchas, roteiros turísticos; e ainda as viagens no tempo, as viagens em sonho, as viagens sem sair do quarto ou sem sair da exposição, as deambulações urbanas.

Os artigos reunidos neste volume debruçam-se sobre as poéticas e as configurações imaginárias da viagem na literatura, no cinema e na banda desenhada, interrogando o modo como estas poéticas e estas configurações decorrem do jogo de múltiplos fatores, entre os quais se contam géneros literários, correntes estéticas, formas narrativas, regimes do imaginário, ideologias, materialidades semióticas e tecnológicas, dispositivos institucionais e campos culturais. Por outras palavras, que função ou que incidência tem o tema da viagem e suas representações na (re)criação de formas e géneros literários como a epopeia antiga, a canção de gesta, *le roman* medieval, o romance de aventuras com Defoe, o *travel writing* do século XIX ou os diários de viagem em banda desenhada.

Os trabalhos aqui apresentados tratam diferentes perceções da viagem, desde o itinerário turístico de lazer até ao *dépaysement* traumático, sob as formas do nomadismo voluntário ou forçado, da migração, do exílio, da errância, da vagabundagem e outras figuras do desenraizamento e da desterritorialização. Com ou sem aventura, itinerário ou deriva, focadas no destino ou no percurso, as viagens estudadas mostram que no seu âmago está o (des)encontro com o outro – outro lugar, outra língua, outra cultura, outro ser. O sujeito que viaja terá, mais tarde ou mais cedo, de fazer face ao que Jacques Lacan chama o enigma do desejo do Outro, enigma esse que é o da verdade do desejo do próprio sujeito, dado o princípio lacaniano da alienação do desejo

(o desejo do sujeito é o desejo do Outro). E o que fazem os viajantes senão lidar com a verdade em deriva do desejo? Da leitura dos artigos que compõem este volume ressalta que a viagem tem na tradição intelectual e espiritual ocidental uma função de primeiro plano: a de tornar possível para o sujeito aquilo a que Slavoj Žižek chama o encontro externo traumático enquanto lugar da verdade (a verdade do meu desejo está fora de mim). O filósofo esloveno considera que a natureza real (física) do encontro com o Outro, enquanto lugar do enigma do desejo, diferencia a tradição ocidental das tradições que se baseiam na viagem interior de introspeção e de auto-purificação espiritual^[1]. Desta predominância não decorre porém que as viagens aqui estudadas não tenham uma dimensão mental.

A leitura destes textos leva-nos a colocar a questão de saber se esta função que a viagem tem assumido na tradição cultural ocidental não está a ser subvertida pelo imperativo contemporâneo da mobilidade. É que a nossa contemporaneidade, fortemente radicada numa incessante injunção ao progresso, enfatiza, como em nenhuma outra era, a ideia de mobilidade. E quem diz *mobilidade* (leia-se: *viagem*) diz, evidentemente, *movimento*. Como muito pertinentemente observa Peter Sloterdijk: «le progrès est mouvement vers le mouvement, mouvement vers plus de mouvement, mouvement vers une plus grande aptitude au mouvement»^[2]. Nesta ideia de viagem como voragem do gozo do movimento em si mesmo, não é a viagem entendida como encontro traumático com o Outro, lugar da verdade do meu desejo, que é aspirada? No espírito inter-medial e inter-artes deste livro, que reconhece na paisagem cultural contemporânea a fluidez das relações entre artes e *media*, falar de viagens é também cruzar fronteiras entre suportes e materialidades semióticas e tecnológicas. E assim muitas das contribuições abordam pontos de passagem e/ou de impasse entre literatura e para-literatura, zonas de passagem e/ou de atrito entre narrativas escritas e narrativas visuais, enquanto outras refletem sobre inscrições da viagem nas artes performativas (teatro, dança) e/

¹ Slavoj Žižek, *How to Real Lacan*, London, Granta Books, 2006, p. 99. Ver também Žižek, *Fragile absolu*, Paris, Flammarion, 2010, p.160

² Peter Sloterdijk, *La mobilisation infinie. Vers une critique de la cinétique politique*, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 2000, p. 5.

ou sobre a incidência das tecnologias numa redefinição da viagem, já que o mundo, percorrido por hiper-nômadas, se reduz cada vez mais à versão que dele nos fornece o *Google Earth*. Uma terceira questão transversal prende-se com o papel ou papéis do tema da viagem no espoletar de debates teóricos em torno de crises e reinvenções de estéticas literárias e artísticas. Assim, quando Michel le Bris, proclamando a necessidade de uma literatura aberta sobre o mundo e preocupada em dizê-lo, teoriza a viagem como a própria forma da literatura, ele não deixa de a colocar no centro da viragem narrativa (*narrative turn*). E é a partir da narrativa de viagem que Christine Montalbeti traça as coordenadas de uma poética do texto referencial, o que faz da viagem um dos motores do retorno do referente, princípio que, desde os anos oitenta, tem orientado uma parte considerável da produção literária, cinematográfica e também de banda desenhada.

Resta-nos exprimir a nossa sincera gratidão ao Centro de Estudos Humanísticos que, na pessoa da Professora Ana Gabriela Macedo, desde a primeira hora, se prontificou sem reservas em apoiar a presente edição.

Maria Cristina Daniel Álvares
Ana Lúcia Amaral Curado
Sérgio Paulo Guimarães de Sousa